

CADERNOS ACATA

DESASSOSSEGO



Letra da Cidade

7 **Apresentação**

19 **EDUCAÇÃO INFANTIL** Grupo 1

23 **EDUCAÇÃO INFANTIL** Grupo 2

25 **EDUCAÇÃO INFANTIL** Grupo 3

28 **Ateliê de arte e marcenaria**

32 **Corpo e movimento**

37 **FUNDAMENTAL 1** 1º ano

47 **FUNDAMENTAL 1** 2º ano

50 **FUNDAMENTAL 1** 3º ano

51 **FUNDAMENTAL 1** 4º ano

53 **FUNDAMENTAL 1** 5º ano

PRÁTICAS DE LINGUAGEM

56 **Ateliê de música e som**

60 **Ciências Naturais**

- 65 FUNDAMENTAL 2 6º ano**
CIÊNCIAS HUMANAS
 - 66 FUNDAMENTAL 2 6º e 7º anos**
PRÁTICAS DE LINGUAGEM
 - 68 FUNDAMENTAL 2 6º e 7º anos**
INGLÊS
 - 69 FUNDAMENTAL 2 7º ano**
CIÊNCIAS HUMANAS
-

71 Biblioteca

79 Fala, Fi!

83 FUNDAMENTAL 2 8º ano
PRÁTICAS DE LINGUAGEM

85 FUNDAMENTAL 2 8º ano
MATEMÁTICA

87 FUNDAMENTAL 2 8º ano
GEOGRAFIA

88 FUNDAMENTAL 2 8º ano
INGLÊS

90 FUNDAMENTAL 2 8º ano
HISTÓRIA/INTERDISCIPLINAR

92 FUNDAMENTAL 2 8º ano
ORGANIZAÇÃO E CONVÍVIO

94 FUNDAMENTAL 2 8º ano
PROGRAMAÇÃO

95 Saúde

103 Barracos-escola

APRESENTAÇÃO

TETÉ MARTINHO

No cenário de exceção imposto pela pandemia da Covid-19, coube à educação fundamental a missão impossível de fazer frente às perdas de milhões de crianças que passaram quase dois anos sem ir à escola. Igualmente trancados em casa, educadores desdobraram-se para alimentar, à distância, uma relação calcada na proximidade física, manter vivo o vínculo dos alunos com o conhecimento e garantir a conquista de conteúdos prioritários. Na revisão ampla e forçosa que se seguiu, trocaram planos meticulosos pelo possível e, mesmo reduzindo expectativas, precisaram aprender muito para ensinar o mínimo. No ateliescola acaia, que atende crianças e jovens moradores das favelas da Vila Leopoldina, em São Paulo, o mandamento não escrito (mas sempre repetido) que incita os educadores à inventividade constante foi levado até novos limites.

O desafio básico que a escola enfrentou nos dois anos de pandemia não foi diferente daquele que outras escolas enfrentaram. Públicas e privadas, em bairros ricos e pobres, todas precisaram encontrar formas de contrabalançar as perdas pedagógicas e de socialização dos alunos. No ateliescola, contudo, essa busca ganhava contornos particulares. Garantir que os alunos da educação infantil, do ensino fundamental e dos cursos pré-técnicos mantivessem conquistas e seguissem avançando, considerada uma régua da exigência alta, dependia de esforços e estratégias que vão muito além da esfera do pedagógico.

A vulnerabilidade do público que o ateliescola atende impacta a aprendizagem por todos os lados. Moradia precária, situação familiar instável, insegurança alimentar e o respingo violento da guerra entre polícia e tráfico estão entre as questões que afetam diretamente crianças que vivem em favelas. Identificá-las, considerá-las e oferecer soluções – não apenas grandes ações de apoio à saúde dos alunos e à cidadania de familiares, mas escuta e acompanhamento atentos e constantes, caso a caso – é parte de um esforço cotidiano. Em larga medida, esse trabalho depende do convívio próximo com as comunidades atendidas. Como praticar o acolhimento em meio a uma pandemia? Como avançar nessa busca de proximidade?



A DIRETORA ANA CRISTINA CINTRA CONVERSA COM OS ALUNOS ENZO E YAN KALEB FERREIRA DA SILVA, E COM LUCIMAR FERREIRA SANTOS, MÃE DOS DOIS, NA CASA DA FAMÍLIA.

Com aulas suspensas, foi preciso levar em conta os impactos extracurriculares imediatos da ruptura de uma rotina de período integral. Diariamente, os alunos do ateliesscola fazem três refeições e dois lanches, tomam banho e escovam os dentes na escola. Programas de saúde sazonais detectam problemas de visão e pele, anemias, cáries. A vida escolar garante, assim, a maior parte do que os alunos recebem de alimentação e de cuidados de saúde e higiene. Como compensar essa perda diária era um problema relevante, tanto ou mais do que como manter, à distância, um modelo pedagógico que equilibra ensino formal e prática de ateliê, baseando-se fortemente em atividades presenciais e coletivas.

No escuro da crise sanitária inédita que irrompia, antes que se soubesse ao certo de quantas e quais formas o vírus da Covid-19 se propagava, havia outros temores sérios no horizonte da escola. A favela é uma situação de aglomeração permanente, piorada por condições sanitárias inadequadas. Em tese, acumulavam enorme potencial de contágio. Além disso, boa parte dos moradores tem acesso restrito mesmo ao sistema público de saúde, que já tendia a ficar sobrecarregado e a colapsar na pandemia. Como ajudar as famílias dos alunos a se proteger do contágio e da combinação pandemia, políticas públicas desalinhadas e desinformação?

Se não chegam a compensar o estrago curricular e as frustrações intensas do biênio 2020/2021, as experiências conduzidas pelo ateliesscola acaia durante o período de isolamento social refletem e aprofundam o modelo de trabalho socioeducativo da escola, em circunstâncias ainda mais adversas que a média. Pondo em prática com frequência

(e intensidade) o princípio de ouvir, absorver e discutir amplamente queixas, angústias e receios – em busca de soluções fundamentadas e legítimas –, direção e educadores repensaram estratégias. Houve dissenso e discordâncias, às vezes inflamadas, quanto a muita coisa: a gravidade e a extensão da situação; o que seria possível e desejável fazer; os benefícios e os riscos envolvidos em ideias de ação. O fator de união era igualmente forte: ninguém queria que os alunos perdessem um milímetro de conhecimento.

A energia gerada no atrito colocou em movimento as várias frentes do trabalho. Enquanto a direção articulava ações de escala maior, incluindo a compra de equipamentos que permitissem o estabelecimento de uma rotina de aulas à distância para os alunos do Fundamental 2 – e a parceria que garantiria atendimento de saúde gratuito à população das favelas atendidas –, os educadores testavam ideias para manter os alunos engajados, acolhidos e aprendendo. Em processos penosos de tentativa e erro, e tirando partido de todo tipo de talento pessoal, aprenderam a usar ferramentas novas e criaram formas virtuais de encontro e descoberta. Ora revertendo ao básico e indo a extremos de adaptabilidade, ora inventando novos formatos, produziram resultados às vezes surpreendentes.

O primeiro volume dos Cadernos Acaia, **Pandemia/Desassossego**, reúne relatos de educadores de todos os anos do ateliescola – da Educação

Infantil ao Fundamental 2 – e de todos os núcleos envolvidos em seu modelo pedagógico. Em tom pessoal, os autores contam como adaptaram o que haviam planejado ensinar à nova realidade, compartilham dificuldades de ensinar à distância e avaliam resultados. No fim dos textos, códigos QR ajudam o leitor a acessar um mosaico de exemplos vivos de como recursos como áudio e vídeo serviram ao projeto experimental de ensino da escola durante a pandemia, possibilitando que os alunos, isolados em casa, continuassem, de alguma forma, treinando golpes de capoeira, acompanhando experiências científicas e participando de saraus.

Uma aula à distância jamais terá o impacto didático de uma aula presencial; no caso do ateliescola, os alunos perdiam ainda a amplidão cheia de possibilidades do espaço dos ateliês de fazeres manuais, e a liberdade de escolher diariamente entre eles. Indo além do fato óbvio de que nada seria como antes, porém, o **Caderno**

ELISA BRACHER,
CRIADORA DO
ATELIESCOLA,
REENCONTRA OS
ALUNOS SAMUEL E
ARTUR VIEIRA EM VISITA
À FAVELA DO NOVE.



resgata experiências pandêmicas de frustração e de sucesso, ressalta aquelas que não aconteceriam em tempos “normais” e lembra surpresas positivas eventuais, como alunos imaturos que se tornaram comprometidos no isolamento. Também explora a importância, para os educadores e a escola, de “entrar” na casa de cada aluno, ainda que virtualmente. O que se aprendeu nesse movimento mais que compensa a resistência de muitos professores em relação a algo que, em princípio, parecia invadir tanto a intimidade dos alunos quanto a sua própria.

Lidos em conjunto, os relatos revelam dificuldades e reflexões que foram recorrentes entre os educadores. De um lado, a frustração intensa diante da distância, aguçada pelas dificuldades técnicas de conexão e de uso das ferramentas de ensino remoto; de outro, o desejo de autoria, o compromisso de derivar algo novo da situação adversa. Se expõem o terreno dificultoso por onde toda a comunidade escolar andou, também sugerem recompensas possíveis para o esforço multiplicado. Uma delas é a expansão do vínculo entre educadores/escola e famílias, sobretudo a partir da chance compulsória que todos tiveram de entrar na intimidade alheia e de ver o próprio mundo doméstico devassado. Outra é o fortalecimento, entre crianças e famílias, da compreensão da importância e do valor do conhecimento.

Para a comunidade escolar reunida em torno do Instituto Acaia, 2020 começou sem trégua. No dia 10 de fevereiro, um mês antes que a pandemia de Covid-19 fosse declarada pela OMS, uma chuva torrencial desabou sobre São Paulo, fazendo o rio Pinheiros transbordar e deixando 270 famílias moradoras das favelas da Linha e do Nove, de onde provém a maioria dos estudantes do ateliescola, desabrigadas. O Acaia centralizou o auxílio emergencial às comunidades, envolvendo-se na limpeza das moradias e lançando uma campanha de doações para garantir alimento, água, colchões e itens de higiene e limpeza às famílias afetadas. Empresas e pessoas físicas formaram uma rede solidária que voltaria a ser convocada pouco depois, por motivos que ainda não se imaginavam.

A primeira resposta do ateliescola à pandemia e à decretação do isolamento social, em meados de março, foi se mobilizar para produzir kits pedagógicos, com atividades que pudessem ser feitas em casa pelos alunos, mantendo-os minimamente ocupados e em contato com a escola. Os materiais foram pensados para uso autônomo, sem intervenção do professor. Explorando conteúdos previstos e revisões, destinavam-se a cada classe, com variantes para alunos com graus diferentes de dificuldade, à semelhança do princípio observado normalmente no dia a dia da escola. Os pais vinham buscar novos kits a cada três semanas.